

## Introdução

Nossa pesquisa tem como tema a relação mãe-filha na medida em que esta se apresenta como passional e leva a conflitos intensos. Para referir-se a esta Lacan utilizou o termo *devastação*.

A questão que originou este trabalho surgiu a partir da prática clínica em que foi possível observar toda a intensidade desses conflitos e a angústia que estes produziam. Os sujeitos em análise, nestes casos especificamente as filhas, viviam atritos com suas mães que possuíam importância ímpar em suas vidas. O olhar e as críticas da mãe encontravam-se frequentemente presentes no discurso dessas pacientes e também impregnavam seus relacionamentos.

Percebia que o que caracterizava a relação problemática com a mãe poderia estender-se a outras áreas na vida da filha, principalmente no que diz respeito a seus encontros amorosos. Pareceu-me que se tratava de uma questão essencial a ser pesquisada e articulada com a clínica psicanalítica.

Foi nesse contexto que surgiu a pergunta: o que acontece em algumas relações entre filhas e suas mães para trazer efeitos tão perturbadores na vida de ambas? Ao entender que a mãe é figura fundamental na constituição do sujeito e não deixar de lado o fato de que esta além de mãe é também uma mulher, é possível perguntar: o que a mãe transmite à filha? No que consistiria a *devastação* na relação mãe-filha?

Desse modo, busquei com este trabalho investigar e problematizar esta relação, já que esta produz efeitos na subjetividade e impasses na vida do sujeito. Para tanto, será abordado o tema da feminilidade que sempre foi considerado obscuro na psicanálise. Freud não encontra uma resposta satisfatória ao indagar *O que quer uma mulher?* e se refere ao feminino como *continente negro*. Estas colocações apontam para a dificuldade especial no que diz respeito à constituição da feminilidade de uma mulher.

Para a psicanálise, a feminilidade não é inata ou dada a priori. A noção de sexualidade proposta por Freud é articulada ao inconsciente e não fundamentada na biologia. Desse modo, a feminilidade é constituída por um vir a ser através de um longo trabalho psíquico para que a menina se torne uma mulher. Neste, se fará

fundamental para a menina a figura materna. Com efeito, Freud foi bastante claro neste ponto. Ele afirmou a importância deste relacionamento mesmo o tendo subestimado a princípio.

Seguimos neste estudo a orientação de Jacques Lacan (1972-73). Ele deslocou o enigma da mulher apontado por Freud em direção ao enigma do gozo feminino. Ao entender a devastação como um modo de gozo específico do feminino, busquei traçar um percurso através de conceitos fundamentais na teoria psicanalítica que nos levassem a compreender como ele chegou a esta elaboração e entender do que se trata o que foi nomeado por Lacan de gozo feminino.

Para tanto, esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro será apresentado o conceito de falo em psicanálise. Lacan destacou, como Freud apontou, que o falo é um significante ordenador, ou seja, é ele que permitirá ao sujeito se situar frente ao seu desejo como homem ou como mulher. Homem e mulher não são lugares dados a priori. É preciso um processo de constituição subjetiva, ou Édipo, que permita este posicionamento.

Na discussão acerca deste processo será introduzida a questão do “ser” e “ter” o falo, e do falo como significante da Lei. Além disso, far-se-á a articulação do falo com o conceito de *Ideal do eu* a fim de abordar porquê é tão complicado o processo de identificação na menina e, em que medida, este diz respeito ao que ela espera de sua mãe

No segundo capítulo será investigado o conceito de gozo e suas modalidades. Para isso, fez-se necessário um percurso específico pela obra freudiana. Freud não conceituou o gozo, mas delimitou seu campo. Este foi marcado principalmente pelas figuras da pulsão de morte em articulação com o supereu, o masoquismo e o além do princípio do prazer. Além disso, a experiência de satisfação e a noção de *das Ding* serão tratadas por constituírem o ponto de partida da elaboração lacaniana deste conceito.

Devemos a Lacan o avanço nessa questão. Para poder demonstrar como este conceito foi elaborado, fez-se necessário a utilização de alguns de seus seminários em nossa pesquisa, tendo destaque *A ética da psicanálise*, *O avesso da psicanálise*, bem como o *Seminário 20: Mais, ainda*. Tratar-se-á primeiramente do gozo como uma transgressão, mostrando seus paradoxos com relação à Lei. É só na medida em que esta existe que se pode tentar ultrapassá-la em direção a um gozo ilimitado.

Posteriormente, abordaremos o gozo dito fálico, gozo sexual e ligado a palavra, para só depois chegar ao gozo feminino, gozo suplementar que constitui o ponto crucial de nosso trabalho. A partir do entendimento do que seria o “Outro gozo” formulado por Lacan é que se fará possível retornar à questão principal deste trabalho, já que entendemos aqui que a devastação é consequência do gozo feminino, pois a mulher possui um gozo que não passa pelo significante. Para a mulher não é possível simbolizar seu sexo.

No capítulo três, retornar-se-á à relação mãe e filha a partir de Freud. Inicialmente ele afirmava não entender claramente como se dava o complexo de Édipo na mulher (1923, p. 158). Ao fazer uma reavaliação sobre o desenvolvimento psíquico nas mulheres, ele se dá conta de que para ambos os sexos a mãe é o primeiro objeto de amor. No entanto, ao longo do desenvolvimento o menino irá manter seu objeto, enquanto a menina precisa trocar o seu, passando da mãe ao pai.

Trata-se de um processo difícil e complicado, ao qual não existe nada similar no desenvolvimento do menino. Além disso, Freud sublinha a precocidade e a importância da relação da menina com sua mãe (1931, p. 231). A relação primitiva com a mãe é abordada pelo conceito de *Penisneid*, ou inveja do pênis. Uma das complicações desta relação consistiria no fato da menina responsabilizar sua mãe por sua falta de pênis, por ter-lhe enviada ao mundo em desvantagem. Isso aponta para a forte tendência de reivindicação que marca esta relação.

É fundamental esclarecer que o que está em jogo neste caso é o falo, e não puramente o órgão sexual masculino. O que é crucial na organização da sexualidade é a representação psíquica feita a partir dessa parte anatômica.

Como não existe um símbolo específico para a mulher, da mesma forma que o falo o é para o homem, o processo de identificação na menina se mostra complicado. Quando Lacan afirma que a mulher espera mais substância de sua mãe que de seu pai, aponta nessa direção. De que se trata essa substância? Tal questão consiste em um dos pontos para qual essa dissertação busca respostas.

Finalmente abordar-se-á a *devastação*. Lacan chega a esse termo ao retomar o que Freud denominou de catástrofe na relação da filha com sua mãe. Porém, se para Freud a devastação está intimamente ligada à reivindicação fálica, Lacan a localizará para além do falo. Devastação será um dos nomes utilizados por Lacan para falar do *nãotodo*. Na devastação, o sujeito não toma posse de seu

próprio lugar e é reduzido ao silêncio. Podemos inclusive dizer que há uma auto-eliminação do mesmo.

Para ilustrar em que consiste a devastação far-se-á uso da personagem literária Lol V. Stein, de Marguerite Duras como um paradigma. Lacan escreveu uma homenagem a esta autora em que comenta sobre sua protagonista. Tem-se o emprego do termo arrebatamento para referir-se a esta mulher que se perde por completo.

No capítulo final deste estudo, continuar-se-á fazendo uso de ilustrações, mas neste ponto, serão utilizadas ilustrações cinematográficas com os filmes *Sonata de Outono* e *Professora de Piano*. É discutido como uma ligação demasiadamente intensa com a mãe implica dificuldades no processo da filha separar-se dela e nas dificuldades que isto acarreta no caminho em direção à feminilidade

Desta forma, esperamos que apesar de estarmos diante de um problema espinhoso e da dificuldade inicial, tenha sido possível demonstrar como Lacan pôde no fornecer instrumentos passíveis de nos fazer avançar nessa questão.